

O FUTEBOL E O CAMPO DO PSIQUISMO

JOSÉ RAMOS COELHO

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UFRN

Tentaremos pensar a **paixão** profunda que os brasileiros sentem em relação ao futebol, o jogo mais democrático e popular, uma vez que encanta crianças e adultos, homens e mulheres, pessoas de todas as raças e de todos os credos. Para jogá-lo, basta dispor de espaço, uma bola, jogadores e quadro pedras ou duas traves.

Desde os tempos mais remotos, os jogos estiveram ligados ao elemento sobrenatural. Os jogos de azar assemelham-se aos ordálios, isto é, a situações de prova preparadas pelos homens, mas cujo resultado seria determinado pela vontade divina ou sobrenatural, sempre correta, onisciente e neutral. É por isso que decisões difíceis podiam ser tomadas mediante o lançamento de dados, o corte de um baralho de cartas, o arremesso de uma moeda ao ar ou qualquer atividade semelhante. Mesmo nos jogos de habilidade, como o futebol, nunca se sabe o resultado final antes da partida; e como um time, mesmo sendo melhor pode levar a pior, a imponderabilidade do resultado é muitas vezes atribuída ao fator “sorte”, o qual, para os antigos, era tido como efeito da vontade dos deuses.

Os jogos oficiais de futebol ocorrem nos estádios e gravitam em torno da posse da bola. Sua forma circular (da bola e do estádio) foi, desde a antiguidade, símbolo de perfeição. Parmênides dizia que o ser (a única coisa que verdadeiramente existia) era “semelhante a uma esfera”, ou seja, tinha uma forma parecida a uma bola de futebol. No Timeu, Platão, seguindo Parmênides, vê o Universo como um ser vivo e redondo, sustentando ter-lhe dado o Criador “a forma mais conveniente ao animal que deveria conter em si mesmo todos os seres vivos, [aquela] que abrangesse todas as formas existentes. Por isso, ele torneou o mundo em forma de esfera, por estarem todas as suas

extremidades a igual distância do centro, a mais perfeita das formas e mais semelhante a si mesmo, por acreditar que o semelhante é mil vezes mais belo do que o não semelhante” (2, 488).

Em contraposição ao círculo temos a forma retangular do campo de futebol e das traves. A simbologia do retângulo, bem como a do quadrado, ambas figuras angulosas, está ligada ao elemento humano, ao nosso mundo imanente, em oposição ao círculo, que alude ao mundo transcendente, a Deus. Nesta conformidade, um chute a gol - a entrada da bola esférica na trave retangular - corresponderia a uma síntese dialética entre o divino e o humano, entre o transcendente e o imanente. E por isso leva a galera ao delírio, ao êxtase (EKSTASIS = sair de si).

Já o pé, nos mitos de Édipo, Aquiles e Hefestos, quando ferido, vulnerável ou manco, é um sinal de fraqueza da alma. Nesse sentido, como sustenta Jung em relação ao mito de Édipo Rei, o pé simboliza a alma. O contato do pé com a bola seria o equivalente metafísico da alma dialogando com Deus. Assim, lutar pela posse da bola é, em certo sentido, lutar pelo controle do mundo. Controlá-la é ter o mundo a seus pés.

Se, de um lado, os homens viam o jogo como um encontro ou confluência entre o humano e o divino, por outro lado, podemos interpretar psicanaliticamente o desenrolar de um jogo de futebol como uma disputa entre o desejo e a realidade, entre o prazer e os limites que se lhe interpõem. Na verdade, o jogo de futebol suscita um conflito e uma tensão íntima. O time pelo qual torcemos representa o princípio do prazer, e o time adversário, por sua vez, simboliza o princípio de realidade e tudo o mais que se lhe opõe. A vitória de nossa seleção é a nossa vitória, uma vez que é a nossa realização interior. O princípio de realidade é o outro, o que se propõe e limita a realização do nosso desejo.

Vencedor é aquele que consegue fazer mais gols. Contudo, o que mais emociona e encanta no futebol, além dos gols, são as jogadas bem transadas, os dribles sensacionais que conseguem enganar o adversário e furar o seu bloqueio. Eles simbolizam as maneiras furtivas, a malícia e esperteza que as pulsões encontram para driblar a censura e os recalques, ludibriando-os e alcançando o seu objetivo.

Mas o jogo como um todo está sujeito a regras bem definidas. O juiz é a autoridade à qual incumbe aplicar com isenção e justiça as

regras. Nesse sentido, cumpre o papel do Superego: é ele que intervém para que as regras não sejam desrespeitadas.

O espectador que observa o espetáculo faz o papel do Ego, da consciência, é o elo entre o princípio de realidade e o princípio de prazer. É ele que observa o espetáculo e que toma partido, ora em favor do princípio de realidade, ora em favor do princípio de prazer.

A ação do jogo provoca no espectador uma paixão, e ele a manifesta quando se emociona, quando grita, torce, xinga e se agita tomando partido. Esta paixão (Pathos = sofrimento, emoção, experiência) vem acompanhada de uma tensão desconfortável que, no entanto, encontra alívio em cada grande lance e é descarregada no momento em que o time pelo qual torcemos marca um gol e, finalmente, quando ganha a partida.

Não é apenas a arte, como bem percebera Aristóteles, que provoca em nós uma catarse: o jogo fa-lo também. A vitória de nossa seleção é a realização do nosso sonho, das nossas pulsões mais íntimas. Uma realização individual, nacional e até mesmo cósmica. É por isso que o futebol é tão excitante e, ao mesmo tempo, tão perigoso: pode ser manipulado politicamente na medida em que permite uma realização imaginária e sublimada através de uma identificação no outro (no nosso time) e um esquecimento de si, enquanto perdura o êxtase da vitória. Já a eventualidade de uma derrota faria o povo cair na real - não uma realidade fantástica, divina, mas a dura realidade de perceber que, como disse Cândido, personagem de Voltaire, a vida é um jardim: o que precisamos é cultivá-lo.

ERRATA DO ARTIGO A DIALÉTICA DA NATUREZA: UM
NOVO PARADIGMA FILOSÓFICO PARA A ECOLOGIA
(Revista Princípios Vol. I - Nº I)

Na p. 89 inclua-se o seguinte:

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AURÉLIO, Marco. - *Meditações*. São Paulo, Cultrix, 1966.
 CASSIRER, Ernest. - *Antropologia Filosófica*, São Paulo, Mestre Jou, 1972.
 CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. - *Dicionário de Símbolos*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1988.
 COELHO, José Ramos. - *A Magia na Aldeia Global*, Recife, Fundação Casa das Crianças, 1985.
 DAJOZ, Roger. - *Ecologia Geral*. Petrópolis, Vozes, 1978.
 DARWIN. - *A Origem das Espécies*, São Paulo, Hemus, s.d. -
 - *A Origem do Homem e a Seleção Sexual*, São Paulo, Hemus, 1974.
 FRAZER, James. - *La Rama Dorada; Magia e Religión*, México, Fondo de Cultura Económica, 1944.
 LANDMANN, Michael. - *Antropologia Filosófica*, México, Uteha, 1961.
 LENOBLE, Robert. - *Histoire de L'idée de Nature*, Paris, Albin Michel, 1969.
 LÉVI-BRUHL. - *El Alma Primitiva*, Barcelona, Península, 1974.
 LÉVI-STRAUSS, Claude. - *As Estruturas Elementares do Parentesco*, Petrópolis, Vozes, 1982.
 MALINOWSKI. - *Argonautas do Pacífico Ocidental*, in: *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1978.
 MAUSS & HUBERT. - *Esboço de uma Teoria Geral da Magia*, in: *Sociologia e antropologia*, São Paulo, EDUSP, Vol.I. 1974.
 ODUM, Eugene P. - *Ecologia*, São Paulo, Pioneira, 1977.
 SCHELER, Max. - *La Idea del Hombre y la Historia*, Buenos Aires, La Pléyade, 1974.
 TRISMEGISTOS, Hermes. - *Corpus Hermeticum*, São Paulo, Hemus, 1978.